

CONSOANTES LÍQUIDAS E A TEORIA DA OTIMIDADE NA FALA INFANTIL

Maíra Ferrari REIS (UNISINOS)
Cátia de Azevedo FRONZA (UNISINOS)

ABSTRACT: *This work reflects about liquid consonants acquisition taking into consideration the coda context.. The data are from an informant in language acquisition process, whose age was between 2; 0 and 3; 0. The data explanation is based on conceptions of the Optimality Theory.*

KEYWORDS: *language acquisition; liquid consonant; Optimality Theory.*

0. Introdução

A área de estudos da Aquisição da Linguagem é um dos mais férteis campos de estudo da Linguística, e o seu principal objetivo é descrever e explicar o funcionamento das línguas e dos subsistemas que as integram. Considerando-se esta informação, percebe-se a real importância do surgimento de novos modelos e teorias, que, segundo Matzenauer (2004), têm o objetivo de alcançar maior poder explicativo em relação aos anteriores. Portanto, estudos que utilizam novos arcabouços teóricos para a explicação de dados colaboram para o amadurecimento e avanço das novas teorias, além de trazer contribuições para os estudos sobre aquisição da linguagem, especialmente da fonologia no âmbito deste trabalho.

A pesquisa *Explorando Dados de Fala e de Escrita: Aplicações da Teoria da Otimidade*, coordenada pela professora Dra. Cátia de Azevedo Fronza, na Unisinos, tem o objetivo de recuperar dados de fala e de escrita de pesquisas anteriormente realizadas pela mesma investigadora e analisá-los à luz da TO, a fim de identificar semelhanças entre a aquisição dessas duas modalidades da língua. A hipótese dessa investigação é que a de que haja a aquisição da fonologia na modalidade escrita, assim como há na fala.

O presente artigo é uma extensão da apresentação realizada no evento Celsul, na modalidade pôster, a qual expôs um recorte da pesquisa mencionada, na qual foram utilizados dados de fala de um informante do sexo feminino, integrante do estudo longitudinal iniciado em 2004, com a pesquisa *A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita*.

Os dados apresentados são referentes ao primeiro ano de investigação, quando o informante tinha idade entre 2;0 e 3;0, totalizando 12 coletas.

1. A classe das líquidas

A classe das líquidas compõe-se por dois grupos, a saber, o das líquidas laterais, representadas, em português, pelos fonemas /l/ e /ʎ/, e o das líquidas não-laterais, que é constituído por /r/ e /R/¹.

Segundo Mezzomo e Ribas (2004), a classe das líquidas é a última a ser adquirida em português, e isso se deve à peculiaridade entre os fonemas e por nesta classe ser possível observar a intensa ocorrência de processos fonológicos ao longo de seu desenvolvimento.

Na fala das crianças, a primeira líquida a se estabilizar é o /l/, entre os 2;8 e 3;0, seguida da líquida não-lateral /R/, aos 3;4. As outras duas consoantes da classe seguem um processo semelhante, sendo a lateral /ʎ/ adquirida aos 4;0, antes da não-lateral /r/, que somente se estabilizará aos 4;2. Portanto, é possível afirmar que as líquidas, em sua aquisição, seguem o padrão lateral/não-lateral/lateral/não-lateral (MEZZOMO e RIBAS, 2004).

A seguir, são apontadas as estratégias de reparo mais utilizadas na aquisição das líquidas, com base em Mezzomo e Ribas (2004), que, por sua vez, orientam-se pelos trabalhos de Hernandorena e Lamprecht (1997) e Azambuja (1998):

¹ Este símbolo, no âmbito deste artigo, refere-se a todas as realizações do “r-forte” na fala.

A líquida lateral /l/, como já mencionado, é a primeira da classe a ser adquirida – aos 2;8 em posição de onset absoluto e, aos 3;0, em posição de onset medial. As estratégias de reparo mais utilizadas na aquisição da líquida lateral /l/, segundo Azambuja (1998, apud MEZZOMO E RIBAS, 2004), foram três: o apagamento do segmento e da sílaba, a semivocalização e a substituição. Em relação à líquida lateral /l/, que se estabiliza aos 4;0, as estratégias de reparo utilizadas são: substituição por /l/, semivocalização e apagamento.

As líquidas não-laterais /R/ e /r/ são adquiridas, respectivamente, aos 3;4 e aos 4;2, como já citado acima. No processo de aquisição da consoante rótica /R/, foi observado o uso das seguintes estratégias de reparo: não-realização do segmento (ex.: ‘rua’ → [‘ua] e ‘barro’ → [‘bau]); substituição por [l] (ex.: ‘morro’ → [‘molu]); substituição por plosiva velar ([k] ou [g]) (ex.: ‘rei’ → [‘gej]); substituição por plosiva coronal (ex.: ‘remédio’ → [te’mɛdʒju]), e semivocalização (mais frequentes com o glide [j], por exemplo: ‘corro’ → [‘koju])

Seguindo a proposta apresentada no início deste artigo, de analisar produções orais de uma criança integrante do estudo longitudinal, surge a possibilidade de se avaliar o desenvolvimento do processo de aquisição da fonologia desses informantes ao longo de um período de 12 meses, referente ao primeiro ano do estudo. Assim, torna-se possível a explicitação de diferentes momentos do processo de aquisição das líquidas por ela.

2.1 A aquisição da líquida não-lateral em coda

Antes de mais nada, faz-se necessário explicar que esta parte do referencial teórico se limitará a discutir a aquisição da líquida não-lateral em coda, pois é a fundamentação que implica diretamente na explicitação de um fenômeno analisado posteriormente neste artigo, à luz da TO. Deixa-se para trabalhos futuros a oportunidade de tratar de maneira mais abrangente a aquisição da líquida lateral em coda e em outros contextos.

De acordo com Mezzomo (2004), a líquida não-lateral tem uma aquisição tardia em coda, sendo a última a ser adquirida entre as consoantes que ocupam essa posição. O surgimento de /r/ em coda final se dá aos 1;11, e em coda medial, aos 2;2. Porém, a aquisição do fone, efetivamente, só ocorrerá aos 3;10, quando as crianças dominam o fonema em ambas as posições.

Mezzomo (2004) esclarece, com base nos estudos de Miranda (1996), que os fonemas em final da palavra são beneficiados em detrimento da coda medial, por estarem numa posição mais saliente, perceptualmente falando, e por encontrarem-se costumeiramente em sílaba tônica.

O fato de a coda final ser mais saliente perceptualmente reflete nas estratégias de reparo adotadas pelas crianças, segundo Mezzomo (op. cit.). São mais frequentes omissões de /r/ em coda medial, enquanto predominam em coda final as semivocalizações e as substituições por líquidas laterais.

Em relação às estratégias de reparo, podem ser observados dois comportamentos: em final de palavra, as crianças utilizam diversos recursos na tentativa de produção do /r/. Já em coda medial, há uma preferência por parte das crianças pela não realização (ex.: [‘pɔrta] → [‘pɔta]). Ocorrem, predominantemente em coda final, as semivocalizações e substituições de líquidas (MEZZOMO, 2004).

A seguir, são listadas as principais ocorrências nas estratégias de reparo.

Em /r/ final, segundo os dados de Mezzomo (2003), foi constatado que, na maioria das produções (53,50%), houve a produção correta da líquida não-lateral. Quanto às estratégias de reparo, a mais significativa é a omissão (ex.: [kãⁿtor]→[kãⁿto]), com 23,53%, seguida da semivocalização com [j] (ex.: [tra’tor]→[ta’toj]), com 10,92%; a epêntese tem um índice de 5,60% (ex.: [ku’ler] → [ku’eri]); a substituição por [l] (ex.: [flor] → [‘fol]), com 4,48%; a semivocalização com [w] (ex.: [cor] → [‘kow]) possui um índice de 1,41%, e a metátese (ex.: [a’sukar]→[a’surka]) tem um pequeno índice de 0,56%.

Em /r/ medial, a estratégia de reparo mais produtiva é também a omissão (ex.: [‘karta] → [‘kata], com índice de 56,59%. A seguir, com um alto índice, aparece a realização correta da líquida não-lateral, com 38,48%. As demais estratégias têm índices de produção muito baixos: a metátese apresenta-se com 1,42% de ocorrência (ex.: [‘garfu] → [‘grafu]); a semivocalização com [w] tem 1,09% de índice de produção (ex.: [lugar’ziju] → [ugaw’ziju]); a semivocalização com [j] tem 0,92% de produção (ex.: [kor’tar] →[koj’ta]); a substituição por [X] aparece com 0,50% de ocorrência, (ex.: [‘sirku] →[‘siXku]); há ainda o alongamento da vogal, com 0,17% (ex.: [‘pɛrna] →[‘pɛ:na]) e a epêntese, com 0,08% de índice de produção (ex.: [‘barku] → [ba’raku]).

3. A teoria da otimidade

3.1 Aspectos gerais

De acordo com Oliveira (2003), a Teoria da Otimidade (TO) foi proposta por Prince & Smolensky (1993) inicialmente para e aplicar-se à fonologia. Entretanto, sua relevância foi atestada em outras áreas, como a morfologia, a semântica, a psicolinguística e a sociolinguística.

Esse novo modelo teórico postula a existência de uma Gramática Universal (GU), isto é, o conhecimento inato da linguagem em todos os seres humanos e, ainda, um conjunto de restrições (CON), compartilhado pelas línguas do mundo. O que diferencia uma língua da outra é o ranqueamento das restrições, que mostra por que determinados padrões são permitidos em uma língua e proibidos em outras (BONILHA, 2003). Na TO há o pressuposto de que as crianças nascem com restrições universais, as quais serão ordenadas gradativamente – do menos marcado para o mais marcado – de acordo com a hierarquia de sua Língua Materna. Assim, a TO não se baseia em regras, mas em restrições universais, o que vai de encontro aos modelos fonológicos derivacionais anteriores (OLIVEIRA, 2003).

3.2 Caracterização da TO

A TO conta com dois mecanismos que comandam a relação entre *input* e *output*: GEN (*Generator* ou Gerador) e EVAL (*Evaluator* ou Avaliador). GEN gera um série de candidatos que serão submetidos a uma determinada hierarquia de restrições (CON). Os candidatos serão avaliados por EVAL, que selecionará o candidato ótimo, o *output*, para aquele input (OLIVEIRA, 2003).

Nas palavras de Oliveira (2003), baseada em McCarthy & Prince (1993), a TO possui uma série de princípios básicos que a constituem, a saber:

A **violabilidade** estabelece que as restrições são universais e violáveis, mas que a violação deve ser mínima. O **ranqueamento** postula que o ordenamento das restrições variará de acordo com cada língua; será esse ranqueamento que definirá se a violação é mínima ou não. A **inclusividade** permite que as análises candidatas, avaliadas pela hierarquia de restrições, sejam ‘admitidas por considerações muito gerais sobre boa-formação estrutural; não há regras específicas ou estratégias de reparo específicas’ (ibidem, p.5), ou seja, qualquer estrutura que respeite esses requisitos gerais de boa-formação pode ser incluída na análise sob a forma de candidato. O **paralelismo** estabelece que os candidatos gerados por GEN serão submetidos simultaneamente a todas as restrições da hierarquia.

As restrições da TO dividem-se em dois grandes grupos: as restrições de marcação, que requerem que o *output* seja o menos marcado possível, exigindo pouco esforço articulatório por parte do falante; e as restrições de fidelidade, que requerem identidade entre *input* e *output*, isto é, quanto maior o contraste lexical, melhor (BONILHA, 2003).

Segundo afirma Oliveira (2003), fidelidade e marcação são duas forças conflitantes, pois a primeira visa manter uma fidelidade entre subjacência e realização, enquanto a outra defende uma realização menos marcada da forma subjacente, seja ela qual for.

McCarthy (2002), conforme Bonilha (2003), salienta que a ação primária da TO é a de comparar. Dentre os candidatos a *output*, o mais harmônico será o que melhor satisfizer as restrições mais importantes da hierarquia que são violadas por outros candidatos competidores.

4. Metodologia

Neste estudo utilizaram-se dados de fala de um informante do sexo feminino em fase inicial da aquisição da linguagem. Esses dados fazem parte de um estudo longitudinal iniciado em 2004 com a pesquisa *A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita*, que continua em desenvolvimento na atual pesquisa *Explorando Dados de Fala e Escrita: Aplicações da Teoria da Otimidade*, ambas coordenadas pela professora Dra. Cátia de Azevedo Fronza, na Unisinos. O estudo conta com 12 informantes, falantes molíngües do Português Brasileiro, de classe média, que freqüentam escolas de educação infantil da rede privada situadas na região metropolitana de Porto Alegre.

As coletas são realizadas nas escolas das crianças, ou, caso seja da preferência dos responsáveis, em suas próprias casas. Nas entrevistas utiliza-se uma “sacola de brinquedos”, contendo jogos de atenção, livros, miniaturas de objetos e outros tipos de brinquedos, para motivar as crianças a

interagirem com a entrevistadora. As coletas são individuais (uma criança por vez), mensais e duram aproximadamente 30 minutos.

As entrevistas são gravadas digitalmente e, posteriormente, editadas com o auxílio do programa Pro-Tools. A seguir, é realizada a transcrição fonética ampla dos dados de fala dos informantes e, então, após as devidas revisões, passa-se à análise dos dados. Nesta análise, é determinado o inventário fonético, ou seja, faz-se um levantamento de todos os sons produzidos pela criança, e é traçado o sistema fonológico, levantamento das ocorrências e possibilidades de produção de cada fone, bem como das substituições e omissões realizadas pela criança.

A discussão dos dados será iniciada através do inventário fonético e do sistema fonológico antes de analisarmos os dados à luz da TO, pois eles possibilitam uma visualização rápida e geral dos dados das crianças. A Teoria da Otimidade é utilizada para explicitar fenômenos ocorridos em coda medial e/o final, na fala da informante, por exemplo, o apagamento da líquida não-lateral em coda medial (martelo → [ma'telu]).

Para esta investigação, como já se disse, são apresentados dados do primeiro ano de pesquisa da informante C, ao todo 12 coletas de fala, correspondentes à idade de 2;0 a 3;0 da menina.

5. Os dados

5.1 O inventário fonético

Após a realização da transcrição fonética ampla dos dados de fala, é determinado o inventário fonético de cada um dos informantes. Esse recurso é utilizado por possibilitar a visualização da produção fonética da criança, permitindo uma comparação entre os fones efetivamente produzidos e o padrão a ser adquirido por ela.

Para a determinação do inventário fonético neste estudo, utilizou-se o critério de , no mínimo, uma produção do fone² durante a coleta, independentemente de seu contexto. Quando o fone não é realizado (apagado ou substituído), registra-se o símbolo \emptyset . Quando não há possibilidade de produção do fone na coleta, registra-se o símbolo -.

Apresenta-se, logo abaixo, o inventário fonético das consoantes líquidas, já que o presente artigo se propõe a discutir essa classe de consoantes.

Quadro 1: Inventário Fonético das consoantes líquidas

C					
Inv. padrão		R	l	ʎ	r
Col.	Idade	Inv. Fonético			
C1	2;0	-	l	-	r
C2	2;1	\emptyset	l	\emptyset	\emptyset
C3	2;1	\emptyset	l	-	r
C4	2;2	\emptyset	l	ʎ	r
C5	2;3	R	l	ʎ	\emptyset
C6	2;5	R	l	\emptyset	\emptyset
C7	2;5	-	l	ʎ	\emptyset
C8	2;7	\emptyset	l	ʎ	r
C9	2;8	\emptyset	l	-	r
C10	2;9	\emptyset	l	ʎ	r
C11	2;10	\emptyset	l	ʎ	r
C12	3;0	R	l	ʎ	r
Total		3	12	7	8

\emptyset Fone apagado, ou omitido.

- Ausência de possibilidade de produção do fone.

² Sabe-se que há divergências entre as pesquisas no que se refere a uma ou mais realizações do fone. Apesar disso, este foi o critério adotado para as líquidas neste estudo.

Como indica o quadro 1, o fone [l] foi o único presente em todas as coletas. Já a outra líquida lateral, [ʎ], é produzida em apenas 7 coletas. Apesar de o inventário fonético não permitir que se visualize quando um fone é adquirido, o fato de haver produções de [l] em todas as coletas e de [ʎ] em apenas algumas parece mostrar que a criança tem mais facilidade em produzir o primeiro fone, o que pode estar relacionado ao fato de [l] ser adquirida anteriormente a [ʎ], segundo afirmam Mezzomo e Ribas (2004).

Quanto à consoante não-lateral [r], ocorre ao menos uma produção em 8 coletas, mas nas outras 4 coletas esse fone é sempre apagado. Já a consoante [R] é realizada em apenas 3 coletas, sendo apagada em outras 7 e não tendo possibilidade de produção em duas. Mais uma vez a informação que o inventário fonético nos propicia parece ir ao encontro das afirmações de Mezzomo e Ribas (2004), quando dizem que o fone [r] é adquirido anteriormente ao fone [R].

5.2 O sistema fonológico

Para a explicitação do sistema fonológico, optou-se por apresentar dados de quatro coletas (C1, C4, C8 e C12), já que o objetivo é tão-somente elucidar como ocorreu a análise dos dados. A fim de possibilitar uma explicitação um pouco mais detalhada, optou-se também por discutir os sistemas fonológicos das consoantes líquidas em separado. É importante ressaltar que no delineamento do sistema fonológico foram consideradas todas as posições na palavra possíveis para cada fone: OA – onset absoluto, OM – onset medial, OC – onset complexo, CM – coda medial e CF – coda final.

Quadro 2: Sistema fonológico da líquida lateral /l/

	C			
	l			
	C1	C4	C8	C12
OA	-	l	l	l
OM	l	l	l	l
OC	∅	-	-	-

No quadro acima podemos observar quais fones foram produzidos nos contextos de /l/ em onset absoluto, em onset medial e em onset complexo. Em onset absoluto, o /l/ não teve possibilidade de produção na primeira coleta, tendo sido produzido nas outras. Em onset medial, houve produção de /l/ em todas as coletas. E, por último, em onset complexo, como, por exemplo, na palavra [bisi'kleta], não foi produzido em nenhuma das 4 coletas. Na primeira, o fone foi apagado e nas demais não houve possibilidade de produção.

Quadro 3: Sistema Fonológico da líquida lateral /ʎ/

	C			
	ʎ			
	C1	C4	C8	C12
OA	-	-	-	-
OM	-	ʎ, j	ʎ	ʎ, j, l

Neste quadro constatamos que não houve possibilidade de produção do fonema /ʎ/ no contexto de onset absoluto em nenhuma coleta apresentada. Possivelmente isso se deva ao fato de serem escassas as palavras iniciadas com esta líquida lateral. Já em onset medial, houve produções a partir da segunda coleta apresentada no quadro (C4). Houve produção de /ʎ/ nas três últimas entrevistas apresentadas no quadro, entretanto, em duas coletas (C4 e C12), havia fones concorrentes (ex.: 'orelha' →, [o'eja] na 4ª entrevista). Na C12 tem-se o exemplo das produções de colher → [ku'lɛɾ], na qual a estratégia de reparo é a substituição do /ʎ/ pelo /l/ e na produção olha → [ˈɔja], cuja estratégia de reparo é a semivocalização do fone /ʎ/.

Quadro 4: Sistema Fonológico da líquida não-lateral /r/

	C			
	r			
	C1	C4	C8	C12
OM	l	l, j	r, l	r
OC	∅	∅	∅	∅
CM	∅, (j)	∅	∅, j	∅
CF	-	-	j	r

É possível visualizar no quadro acima que /r/ é o fone que pode ocupar mais posições na palavra: em onset medial, onset complexo, coda medial e coda final³. Percebe-se, também, que o fone contrastivo foi realizado sem concorrentes na 12ª coleta, em onset medial (ex.: quero → [ˈkeru]) e em coda final (ex.: ‘colher’ → [kuˈlɛr]). É interessante notar que em onset complexo o fone não é realizado em nenhuma das quatro coletas. Em coda medial, corroborando o estudo de Mezzomo (2003), vemos que a estratégia de reparo mais utilizada por C é o apagamento (ex.: porque → [puˈke]), e, em raras vezes, semivocalizações com [j] (ex.: morde → [ˈmɔjde]). Em coda final, na C8, a estratégia de reparo utilizada foi a de semivocalização com [j], sendo a 2ª estratégia de reparo mais produtiva, apontada por Mezzomo (2004).

	C			
	R			
	C1	C4	C8	C12
OA	∅	-	∅	R, ∅
OM	-	∅	-	-

Neste último quadro, correspondente às realizações de /R/, verifica-se que ele quase não é produzido nas coletas apresentadas. Em grande parte das vezes não há possibilidade de produção, o que pode indicar que a criança evita palavras que tenham esse fone contrastivo, por notar a dificuldade que tem em pronunciá-lo em consonância ao alvo adulto. Também são numerosas as vezes em que o fone é apagado tanto em onset absoluto (ex.: régua → [ˈɛgwa]) como em onset medial (ex.: serrote → [ʃeˈɔtʃi]). Por fim, somente na última coleta apresentada, /R/ é produzido em onset absoluto, mas ainda são realizados apagamentos..

6. Primeiras reflexões a partir da TO

Será explicitado, abaixo, um *tableau* que mostra a hierarquia das restrições que pode operar na gramática da criança quando esta faz uso de uma das estratégias de reparo mais produtivas em coda: o apagamento.

É pertinente esclarecer que, no *tableau*, as restrições ranqueadas são: DEP-IO (Dependence) – garante que não haja epêntese, o que significa que todo traço do *output* tem um correspondente no *input*. LIN (Linearity) – assegura que não haja metátese, fazendo com que o *output* reflita a estrutura linear do *input* e vice-versa. A restrição de marcação, NO-Coda, serve para restringir o uso de codas (CVC).

/marˈtelo/	NO-Coda	LIN	DEP-IO	MAX-IO
a) mar.te.lu	*!			
∅ b) ma.te.lu				*
c) ma.ra.te.lu			*!	
d) ma.te.r.lu	*!	*		

O candidato escolhido neste *tableau* foi (b).. Isso ocorreu pelo fato de ele ter violado a restrição MAX-IO, ranqueada mais abaixo na hierarquia. Já os candidatos (a) e (d) violam a primeira

³ Neste estudo não foram considerados os casos de verbos no infinitivo, pois, no dialeto investigado, o /r/ em coda final, nesses contextos, é apagado.

restrição ranqueada na hierarquia, NO-Coda. O candidato (c) viola a restrição DEP-IO, pois ocorreu epêntese.

Ressalta-se que esse *tableau* apresenta apenas algumas das restrições possíveis e, dependendo dos *outputs*, serão necessários outras restrições e ranqueamentos. Para que se chegue a resultados mais acurados a respeito de fenômenos lingüísticos, dever-se-á analisar mais produções de acordo com o arcabouço teórico da TO.

7. Palavras finais

As considerações apresentadas neste artigo refletem a fase inicial em que se encontra a investigação. Pretende-se analisar, à luz da TO, mais dados de fala dos informantes do estudo longitudinal, além de outros dados de fala provindos de pesquisas anteriores. Além disso, é intenção da pesquisadora resgatar dados de escrita também de estudos anteriores e utilizar o mesmo arcabouço teórico para explicitá-los. A hipótese norteadora da pesquisa é a de que exista uma aquisição da fonologia na modalidade escrita assim como há na fala. Espera-se, portanto, que os resultados desta investigação possam contribuir para a comprovação da hipótese mencionada.

Acredita-se que investigações como essa sejam de grande valia para o avanço dos estudos sobre aquisição da linguagem, da fonologia do Português Brasileiro, podendo contribuir com outras investigações que sigam a mesma linha.

RESUMO: Neste trabalho reflete-se a respeito da aquisição das consoantes líquidas, levando-se em consideração, principalmente, o contexto da coda. Os dados apresentados são de um informante em fase de aquisição da língua, com idade entre 2;0 e 3;0 A explicitação dos dados baseia-se em fundamentos da Teoria da Otimidade.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da língua; consoantes líquidas; Teoria da Otimidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. Teoria da otimidade. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. Aquisição da fonologia e teoria da otimidade. Pelotas, EDUCAT, 2003, p.14-24
- MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas, EDUCAT, 2003.
- LAMPRECHT, Regina Ritter. (Org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- MEZZOMO, Carolina. Sobre a aquisição da coda. In. LAMPRECHT, Regina R.(Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, p.129-150, 2004.
- MEZZOMO, Carolina & RIBAS, Leticia. Sobre a aquisição das líquidas. In. LAMPRECHT, Regina R.(Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, p. 95-109, 2004.
- OLIVEIRA, Denize Nobre. *Sheep ou Ship? Men ou Man? O papel da hierarquia e restrições na aquisição das vogais coronais do inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Pelotas, UCPel, 2003.